

As lições antropológicas de Marshall Sahlins e a sociedade havaiana: relativismo e etnocentrismo em debate

Marshall Sahlins' anthropological lessons and Hawaiian society: relativism and ethnocentrism in debate

Lecciones antropológicas de Marshall Sahlins y la sociedad havaiana: relativismo y etnocentrismo en debate

Ozaías da Silva Rodrigues¹

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2834-4318>

Resumo:

Neste ensaio bibliográfico, discuto as contribuições histórico-antropológicas de Marshall Sahlins a partir de uma etnografia da sociedade havaiana. O objetivo é indicar como o autor, que dialoga diretamente com a História e a Antropologia, nos mostra o quanto esse diálogo é profícuo e necessário para uma boa discussão antropológica e etnográfica. Aqui são discutidas várias questões, a partir do capítulo 1 de *Ilhas de História*, de Sahlins, como relações raciais, estrutura social, modelos de cultura, relativização do fazer antropológico e outras. Os conceitos cardeais trabalhados são “estrutura” e “relativismo”, sendo empregados, metodologicamente, num diálogo estritamente bibliográfico. Ao fim do artigo, amplio a discussão proposta a partir de outros contextos e autores, focando numa Antropologia da História.

Palavras-chave: Sahlins. Estrutura. Antropologia. Havaí.

Abstract:

In this bibliographic essay I discuss the historical-anthropological contributions of Marshall Sahlins from an ethnography of Hawaiian society. The objective is to indicate how the author, who dialogues directly with History and Anthropology, shows us how fruitful and necessary this dialogue is for a good anthropological and ethnographic discussion. Here, several issues are discussed, starting from chapter 1 of *Islands of History* by Sahlins, such as racial relations, social structure, models of culture, the relativization of anthropological work and others. The cardinal concepts worked are ‘structure’ and ‘relativism’, being methodologically, employed in a strictly bibliographic dialogue. At the end of the article, I expand the proposed discussion from other contexts and authors, focusing on an Anthropology of History.

Keywords: Sahlins. Structure. Anthropology. Hawaii.

Resumen:

En este ensayo bibliográfico discuto las contribuciones histórico-antropológicas de Marshall Sahlins a partir de una etnografía de la sociedad havaiana. El objetivo es indicar cómo el autor, que dialoga directamente con la Historia y la Antropología, nos muestra cuán fructífero y necesario es este diálogo para una buena discusión antropológica y etnográfica. Aquí se discuten varios temas, a partir del capítulo 1 de *Islas de la Historia*, de Sahlins, como las relaciones raciales, la estructura social, los modelos de cultura, la

relativización del trabajo antropológico y otros. Los conceptos cardinales trabajados son 'estructura' y 'relativismo' siendo metodológicamente empleados en un diálogo estrictamente bibliográfico. Al final del artículo, amplió la discusión propuesta desde otros contextos y autores, centrándose en una Antropología de la Historia.

Palabras clave: Sahlins. Estructura. Antropología. Hawai.

1. Introdução

Na Introdução de *Ilhas de História*, Marshall Sahlins (SAHLINS, 1997, p. 7-8) dispõe que aquilo que os antropólogos chamam de “estrutura” – as relações simbólicas de ordem cultural – é um objeto histórico. Assim, cada sociedade possui sua estrutura e cada estrutura possui sua historicidade. Ainda na introdução, ele discorre sobre modelos (estruturas) prescritivos e performativos, comparando a sociedade havaiana com os aborígenes australianos, que a partir das desventuras do capitão Cook e de sua tripulação ele desvenda sentidos e usos das práticas sociais havaianas. A interpretação magistral que ele faz dessa sociedade é exemplar de um aspecto dito ideológico do trabalho antropológico: a relativização enquanto ação, que estranha e nega o que seria óbvio, a partir de uma leitura não-etnocêntrica do outro.

Dialogando com a História e a Antropologia, Sahlins nos mostra o que temos a ganhar com essa associação entre disciplinas que por muito tempo se bicaram e se opuseram (SCHWARCZ, 2001, p. 125) – Lévi-Strauss também dissertou sobre isso em *História e Etnologia* (LÉVI-STRAUSS, 1973). Como insere Schwarcz, na contenda estruturalista, entre adesões e oposições, Sahlins “merece um lugar especial. Definindo-se como uma espécie de ‘estruturalista histórico’, Sahlins (1997) guarda, no campo da Antropologia, um papel de mediador; um bom mediador”

(2001, p. 128). Ele propõe uma nova forma de se conceber a estrutura social: uma estrutura que se reproduza e se mantenha, mas ao mesmo tempo se transforme por ser dinâmica (SCHWARCZ, 2001, p. 129), assim como a história. Para Sahlins, não cabe no campo da cultura o estático, o rígido, e ao longo de todo o livro, Sahlins dá a sua contribuição ao debate muito estabelecido entre História e Antropologia/Etnografia.

De forma geral, no primeiro tópico discuto a visão de estrutura social de Sahlins e as relações raciais no Havaí, entre outras questões. Já no segundo, foco no capítulo 1 de *Ilhas de Histórias, Suplemento à viagem de Cook; ou “le calcul sauvage”*, para entendermos como Sahlins relativiza a noção de estrutura social ao propor uma outra interpretação dela, que dê conta de sociedades como a havaiana, onde há uma interação entre estrutura prescritiva e performativa. Por fim, amplio as possibilidades da relativização antropológica para pensarmos outros casos do que seria uma “boa” etnografia.

Justifico o foco no capítulo 1 do referido livro de Sahlins, porque ele nos mostra como alteridades distintas se encontram num determinado tempo e espaço e o que resulta disso. Nesse sentido, os conceitos de relativismo e de etnocentrismo nos ajudam a pensar os encontros narrados por Sahlins entre havaianos e ingleses. O objetivo central é compartilhar algumas percepções que obtive a partir da leitura do capítulo 1 e de

outros autores e autoras que me ajudaram a pensar as questões postas por Sahlins.

2. Estrutura social, relações raciais no Havaí e outras questões

A narrativa de Sahlins, no primeiro capítulo de *Ilhas de História*, permeia o século XVIII. Nesse sentido, cabe aqui algumas considerações históricas sobre a sociedade havaiana, que podem ajudar a entender melhor o que ele escreve. Para isso, me baseio no artigo *Raça e Sociedade*, de 1970 do antropólogo neozelandês Kenneth L. Little. Nesse artigo, o autor analisa as relações raciais em quatro contextos distintos: África do Sul, Brasil, Havaí e Grã-Bretanha, e relata sobre o lugar da raça na sociedade havaiana, deixando entrever que a dinâmica estrutural que Sahlins nos apresenta também se manifesta nas relações raciais:

Numa escala certamente muito mais modesta, uma mistura mais extraordinária de raças e de culturas está em processo no Havaí. Além dos aborígenes, a população do arquipélago inclui, com efeito, chineses, japoneses e coreanos (que sofrem a influência do Budismo e do Confucionismo) e indivíduos originários do continente norte-americano ou da Europa Setentrional (isto é, de países em que a moral porta o selo do protestantismo), ou ainda da Europa do Sul (isto é, de países católicos por tradição), assim como das Filipinas (país igualmente católico). As misturas de raças assumem em geral a forma de casamen-

tos mistos, que não são proibidos por lei, nem desaprovados pela opinião pública (LITTLE, 1970, p. 81-82).

Little mostra o quanto o Havaí, pelo menos desde o seu “descobrimento”, em 1778, foi uma terra de imigrações constantes. A abertura cultural dos havaianos, da qual Sahlins nos fala no primeiro capítulo, dá conta de uma abertura que inclui as misturas raciais e a diversidade religiosa. Isso pode ser reforçado quando Sahlins, na introdução do livro, escreve acerca da relação das formas sociais e das práticas performativas – no sentido de uma via de mão dupla – afirmando que “é assim também no Havaí, onde é possível *tornar-se nativo* pela ação certa. Tendo morado um certo tempo na comunidade, até estranhos tornam-se ‘filhos da terra’ (*kama’aina*) – este termo não é de emprego exclusivo daqueles que lá nasceram” (SAHLINS, 1997, p. 12, grifo do autor).

Sobre essa abertura cultural dos havaianos, que agregou ao longo dos tempos diversos contingentes étnico-raciais, Little comenta que

essa ausência de discriminação social explica-se pela heterogeneidade da população, que é de tal monta que nenhum político, nenhum homem de negócios, nenhum proprietário de jornais poderia dar-se ao luxo de ofender, manifestando preconceitos racistas, qualquer de seus principais grupos de partidários ou clientes. [...] Todavia, essas poucas observações ilustram, mais do que expli-

cam, o caráter excepcional das relações raciais no Havaí (LITTLE, 1970, p. 82).

Percebe-se pela narrativa de Little que o preconceito racial não era uma característica da sociedade havaiana, e isso é posto como excepcional. Mas essa excepcionalidade não se dá, como Little insere, no sentido da heterogeneidade impedir por si só o preconceito; é exatamente o contrário disso: a sociedade havaiana é diversa ou heterogênea porque não tinha preconceitos racistas, e é precisamente a ausência destes que possibilitou a diversidade étnico-racial havaiana. Discorro que os havaianos não tinham preconceitos, pois sabemos que, como aponta Leiris (1970), os preconceitos raciais não são inatos, mas são criados e ensinados dentro de determinada cultura ou sociedade. Dessa forma, foi pelos estrangeiros brancos que a mentalidade racista aportou no Havaí, conforme expõe Little. Nesse sentido, o autor pontua que

as relações inter-raciais também eram facilitadas pelo sistema familiar havaiano que permitia à mulher desposar mais de um homem. Por outro lado, durante muito tempo o Havaí manteve sua independência e foi governado por um monarca indígena cuja autoridade era respeitada por todos; e isto contribuiu igualmente para manter a igualdade entre as raças. Somente em 1898 o Havaí foi anexado aos Estados Unidos e, durante maior parte do século XIX, a prosperidade das empresas estrangeiras dependeu, em larga escala, da

benevolência real. Como todos – fossem agricultores, negociantes ou missionários – eram obrigados a tratar o monarca com deferência, não se podia evidenciar qualquer tipo de discriminação racial muito marcada. (LITTLE, 1970, p. 83)

Vê-se que as transformações ocorridas na sociedade havaiana desaguarão na perda de autonomia política e a integração de elementos estrangeiros brancos não só propiciou a aculturação, como a entrada dos preconceitos raciais e, posteriormente, o domínio do território por nações estrangeiras.

Além disso, Little descreve um quadro mais complexo das relações sócio-raciais na sociedade havaiana ao falar dos casamentos. Ele disserta um pouco sobre as funções do casamento e das relações sexuais nos seguintes termos:

os casamentos mistos não suscitavam qualquer oposição durante esse primeiro momento. Eram até mesmo favorecidos pela situação dos dois grupos em questão [havaianos e estrangeiros]. Entre os poucos homens brancos chegados ao Havaí no século XVIII ou início do XIX, com efeito, alguns haviam prestado importantes serviços aos monarcas indígenas na qualidade de conselheiros políticos ou militares. Para prendê-los a si e instigá-los a ficar na região, o rei dava-lhes mulheres havaianas de altas posições. Nessa época, os brancos residentes no Havaí eram obrigados ou a tomar

uma esposa havaiana ou a ficar celibatários. Vários deles acharam as indígenas sedutoras, desposaram-nas e fundaram uma família; outros até mesmo adquiriam terras e uma posição social elevada, graça a tais casamentos. (LITTLE, 1970, p. 83)

Essa descrição vai de encontro aos apontamentos que Sahlins fez acerca das relações sexuais, como a hipogamia, a hiper-gamia, a poliandria e outras, destacando a intervenção dos chefes e dos reis nas relações sociais. Mas além disso, essa narrativa de Little nos dá, em outros termos, aquilo que Sahlins descreve ao longo do capítulo: a eficácia do cálculo selvagem, que era a própria interação entre uma estrutura prescritiva e performativa, pois os havaianos sabiam se beneficiar do que chegava até eles, já que agregavam, tornavam nativos os que residiam e se casavam em sua sociedade. Era uma troca: se os brancos vinham para contribuir socialmente, por que não os receber?

Pensar o encontro entre havaianos e ingleses a partir do cálculo selvagem, nos mostra que a recepção calorosa aos ingleses não era algo unilateral, pois ali já havia um conjunto de expectativas acionadas pela estrutura social e pelos mitos. Eles recebiam bem os ingleses, mas queriam também se beneficiar, e os exemplos disso são inúmeros. É interessante notar que a narrativa de Sahlins e de Little se complementam nos detalhes e nas perspectivas, enquanto um faz uma interpretação estrutural-histórica do todo, o outro foca na historicidade das relações raciais no Havaí. Tendo objetos e pers-

pectivas distintas, esses autores nos ajudam a compreender melhor diversos aspectos da sociedade havaiana.

Porém, ao falar dos contatos entre havaianos e ingleses, é preciso explicitar que não foi só a mentalidade racista que aportou no Havaí a partir da chegada de estrangeiros brancos, pois os primeiros encontros não estiveram isentos de tensões e nem mesmo de contágios de doenças, como vemos Sahlins comentar sobre as venéreas. Harari (2016), por exemplo, comenta sobre as doenças serem um dos maiores inimigos da humanidade e traz vários exemplos, ao longo da história, de doenças, pestes e epidemias. Em seu livro *Homo Deus*, de 2016, Harari nos dá alguns detalhes do impacto dos patógenos europeus sobre os havaianos:

[...] em 18 de janeiro de 1778, o capitão James Cook, um explorador britânico, chegou ao Havaí. Essas ilhas eram densamente povoadas por cerca de meio milhão de pessoas, que viviam em total isolamento tanto da Europa como da América. Portanto, nunca tinham sido expostas às doenças europeias e americanas. O capitão Cook e seus homens introduziram os primeiros patógenos de gripe, tuberculose e sífilis no Havaí. Visitantes europeus subsequentes acrescentaram o tifo e a varíola. Em 1853, só restavam ali 70 mil sobreviventes. (HARARI, 2016, p. 19)

Gostaria que Sahlins tivesse comentado mais sobre esse impacto para além do que foi escrito sobre as venéreas, mas isso não

ocorreu. De qualquer forma, podemos inferir que o comportamento sexual dos havaianos tenha sido, junto com os patógenos europeus, um fator que facilitou os contágios e, assim, as milhares de mortes de havaianos. E mesmo que culturalmente a liberdade sexual, nos nossos termos etnocêntricos, não fosse característica dos havaianos, isso não teria impedido que encontros sexuais ocorressem e os contágios também. Não temos como avaliar o impacto conjunto da cultura sexual dos havaianos e dos patógenos europeus, apenas constatar que ambos os fatores corroboram para o que Harari escreveu acerca dos patógenos naquela sociedade.

Vemos no início do capítulo 1 que Cook havia ordenado que os marinheiros não copulassem com as mulheres havaianas, a fim de evitar a introdução do Mal Venéreo (SAHLINS, 1997, p. 23). Porém, a ordem foi inútil. *A priori*, a ênfase da narrativa das fontes consultadas recai sobre a insistência das mulheres havaianas, e o contágio, então, rapidamente acontece pelas ilhas do arquipélago. Os introdutores da moléstia venérea foram rapidamente identificados pelos havaianos: os marinheiros ingleses. *Le'a* é a palavra havaiana que identifica o comportamento sexual dos havaianos, e se pensarmos em *le'a* como aquilo que se conjugou com as venéreas para produzir os contágios, então podemos dizer que esse comportamento sexual tem uma agência, que compôs com os vírus e as bactérias, o quadro dos contágios mortíferos narrado por Harari.

Em outros termos, é preciso pensar o contato entre havaianos e ingleses, também a

partir das doenças. O interessante aqui é perceber que Harari só aponta o poder dos patógenos em matar enquanto Sahlins só como meros detalhes num quadro maior de um contato intercultural. Aponto isso porque Sahlins indicou na introdução do livro que os fatos analisados por ele deviam ser vistos como um encontro entre categorias havaianas e inglesas, e eu acrescentaria como uma interação de expectativas, ações e historicidades distintas (SAHLINS, 1997, p. 14) que produzem um certo impacto ou resultado em ambos os lados. Não seria a interação entre patógenos e o comportamento sexual havaiano, uma interação, nos termos de Sahlins, entre acontecimento/evento e estrutura? Não seria esse um caso a ser pensado como resultado de uma estrutura conjuntural? (SAHLINS, 1997, p. 15). Penso que sim.

3. Suplemento à viagem de Cook; ou “*le calcul sauvage*”

Focando agora em questões mais teóricas, usarei como referência básica para a discussão aqui proposta o capítulo 1 de *Ilhas de História, Suplemento à viagem de Cook; ou “le calcul sauvage”*. Em primeiro lugar, chama a atenção na narrativa de Sahlins a conciliação, como aponta Schwarcz (2001), entre História e Antropologia, entre estrutura e evento, entre sincronia e diacronia, e porque não dizer entre o consciente e o inconsciente coletivo. Ele deixa essa conciliação explícita na introdução do livro. Por enquanto, basta enfatizar, como aponta Silva (2016) acerca da migração boliviana em São Paulo, que ao contrário dos

pessimistas que apostam na dissolução das formas culturais no mundo contemporâneo, Sahlins (1997), afirma que a cultura não é um “objeto” em extinção, mas é continuamente ressignificada na prática, porque ela é histórica e suas fronteiras são flexíveis e atravessadas por diferentes fenômenos, entre eles o da mobilidade humana. (SILVA, 2016, p. 83)

Essa ideia é básica para entendermos a proposta de Sahlins, e aqui farei os comentários a partir dos tópicos constituintes do capítulo em questão. Em **I. Vênus Observada: A História**, o autor disserta acerca da forma como o capitão Cook e seus marinheiros ingleses viam a situação de contato com a sociedade havaiana, sobretudo com as mulheres. O comportamento das mulheres havaianas se sobressai no primeiro encontro e podemos ver ao longo de sua narrativa que homens e mulheres, a partir de suas práticas sexuais, tinham funções sociais distintas.

Ao descrever certos fatos que, enquanto acontecimentos históricos, eram metáforas da realidade mítica (SAHLINS, 1997, p. 25), Sahlins consegue compreender os sentidos e a complexidade da sensualidade, do sexo e do amor entre os havaianos. A associação entre Cook e o deus Lono foi um desses acontecimentos que atualizaram a estrutura mítica daquela sociedade. Nesse sentido, Little nos deu uma descrição do comércio entre os havaianos e os estrangeiros. Por sua vez, Sahlins também nos deu uma descrição disso, mas de outra forma, ao enfatizar a oposição comercial entre o povo e os chefes:

[...] não é de estranhar que homens e mulheres tivessem rapidamente desenvolvido um interesse comum que os colocou em oposição aos poderes havaianos estabelecidos. Os homens traziam suas irmãs filhas e, possivelmente, até mesmo suas mulheres para os navios. Poderíamos chamar isso de hospitalidade, ou de hipergamia espiritual. Os marujos demonstravam sua gratidão, dando-lhes enxós de ferro, além das coisas que haviam dado às mulheres. [...] O interesse coletivo no comércio, desenvolvido pela população comum, colocava-a, enquanto classe social, em oposição a seus chefes, cujos interesses eram por bens políticos e de status, o que também criou da parte do povo uma oposição ao sistema de tabu. Os chefes instituíam tabus para controlar e aumentar o comércio a seu favor – uma prática espiritualmente consistente com o *mana* que deveriam obter. (SAHLINS, 1997, p. 28, grifo do autor)

É incrível como Sahlins consegue descrever o comércio sexual dos havaianos sem exotizá-los, sem colocá-los sob a pecha de depravados, promíscuos ou algo do tipo. O *le'a* é uma representação/concretização da estrutura social e mítica daquele povo. Sagrado para aqueles havaianos era o sexo em todas as suas potencialidades, não só psicofísicas, mas também sociais, sendo o “sexo” uma categoria primordial do pensamento havaiano. Enquanto os missionários cristãos faziam teologia, colocando o corpo

como a fonte do pecado e da luxúria, os havaianos faziam teogamia, o casamento de deuses e humanos mediado pelo corpo, ao experimentar no próprio corpo uma sensação divina de prazer e completude.

Já no tópico **II. Vênus Observada de Novo: A Etnografia do Amor**, vemos o quanto que o amor, o erotismo e o sexo movimentavam as transações sociais. Dessa forma, Sahlins complexifica o quadro narrado por ele ao adicionar o amor no padrão cultural de comportamento sexual havaiano. O amor é outra camada da estrutura social e ao mesmo tempo não dá para estabelecer uma dicotomia entre os elementos sexo, amor, erotismo, pois todos eles se alimentam e se confundem.

Vemos que a cosmogonia havaiana é tão erótica e sexual quanto a cultura havaiana na prática, ou em outros termos, os mitos que explicam a origem das coisas e dos ancestrais são permeados por esses elementos tanto quanto o cotidiano. O que Sahlins mostra é que o erotismo e a sensualidade havaianas têm funções específicas dentro daquela estrutura social, permeando absolutamente todos os aspectos socioculturais. O belo e o estético ideal também atuam nessa estrutura. Em resumo, se tratava de uma economia política do amor (SAHLINS, 1997, p. 39).

É preciso levar a sério a política do amor havaiana para que os exemplos narrados por Sahlins não caiam rapidamente nas garras de termos como libertinagem, promiscuidade, “coito ilícito” e luxúria. Nesse sentido, se pensarmos o quanto que a cultura molda ou interfere em necessidades básicas e fisiológicas como comer, beber e transar, enxergamos o quanto que tais necessidades podem moldar

certos impulsos naturais, exacerbando-os ou controlando-os. Se tomamos a cultura havaiana como exemplo, de um lado vemos que esta exagera a importância e a função do sexo dentro de um quadro social específico; por outro lado, se tomamos como exemplo a sociedade ocidental, na figura dos missionários cristãos, vemos a pouca ou restrita importância que o sexo desempenha em sociedades ocidentalizadas.

O que quero dizer é que a cultura, tal como nos mostra Laraia (2001), interfere naquilo que definimos como impulsos ou necessidades naturais. O contato intercultural narrado por Sahlins nos mostra isso: não apenas duas culturas distintas em contato, mas duas culturas que tratam o sexo de formas diferentes. No contexto havaiano isso se relaciona diretamente com a economia política do amor, ou seja, o lugar que o amor/sexo ocupa na estrutura e como a sociedade havaiana se organiza a partir dele. Exemplar nesse sentido é quando Sahlins afirma que para os havaianos “o efeito do sexo era a sociedade” (SAHLINS, 1997, p. 43), e complementa isso, em tom jocoso, depois de enumerar os benefícios do casamento de uma pessoa comum com um nobre, afirmando que

fica evidente o motivo pelo qual os havaianos eram tão interessados em sexo, o sexo afinal era tudo: posição, poder, riqueza, terras e a garantia de todas essas coisas. Feliz sociedade, talvez, que podia tornar tão prazerosa, por si só, a busca por todas as coisas boas da vida. (SAHLINS, 1997, p. 45)

É partir da percepção do que é o amor, a sensualidade e o sexo no Havaí, Sahlins, no **tópico III. Estruturas Performativas**, narra como certas sociedades observadas pelos antropólogos costumam

desafiar as explicações da antropologia. São monumentos ao fracasso da imaginação antropológica – e, além dessa, do pensamento social ocidental. Nós as observamos através de um vidro esfumado, utilizando “modelos estatísticos” *post facto*, que se satisfazem com a totalização dos efeitos das infinitas opções individuais e que depois fazem valer esses resultados empíricos como uma verdadeira ordem cultural. Ansiamos pelos “modelos mecânicos”, fornecidos pelas sociedades que sabem agir de acordo com relações prescritas, em vez de determinarem suas relações pelos modos de interação. Ficamos muito mais confortáveis com as lógicas aristotélicas de “estrutura social”, legadas por nossos doutores escolásticos: os grupos corporados e as normas jurídicas de um Radcliffe-Brown, arranjos organizados em caixinhas não-contraditórias e de comportamento não-problemático, um papel para cada status e cada qual em seu lugar determinado (SAHLINS, 1997, p. 45-46, grifo do autor).

Essa crítica feita por Sahlins questiona certos sentidos do termo estrutura ou estrutura

social. Ao dar um exemplo acerca da amizade, enquanto relação de auxílio mútuo, Sahlins aprofunda a sua proposta sobre o termo de estrutura: mesmo havendo uma prescrição social para que a ajuda a um amigo se efetive, essa ajuda pode não ocorrer, e além disso ele coloca que mesmo para aquelas pessoas sobre as quais não havia essa prescrição, é possível que elas ajam de acordo com a prescrição (SAHLINS, 1997, p. 46). Após esse exemplo, o autor escreve sobre os modelos de estrutura que ele apresenta no capítulo:

o que quero assinalar é que, ao nível do significado, sempre existe uma reversibilidade potencial entre tipos de ações e categorias de relações. Verbos significam tanto e tão bem quanto substantivos, e a ordem estrutural pode ser trabalhada tão bem em uma direção quanto em outra. Todas as sociedades provavelmente se utilizam de alguma mistura desses modos recíprocos de produção simbólica. Mas existem sistemas com movimentos predominantemente radcliffe-brownianos: grupos delimitados e regras obrigatórias, que prescrevem anteriormente em muito a maneira pela qual as pessoas devem agir e interagir. Vamos chamá-las de “estruturas prescritivas”. Por contraste relativo, a havaiana seria uma “estrutura performativa”. (SAHLINS, 1997, p. 46-47)

Na sociedade havaiana, a estrutura performativa se concretiza nas relações erótico-sexuais e serve para dismantelar certas concepções já sedimentadas acerca do termo

estrutura e do poder da linguagem sobre as categorias de pensamento. O estabelecimento do parentesco, seja por criação/adoção ou nascimento, é um exemplo da dinamicidade da cultura havaiana que ao invés de operar apontando limites e oposições sociais, opera com possibilidades, contingências e cruzamentos. Como Sahlins aponta, o caso havaiano é de um paradoxo aparente, pois essa sociedade é

capaz de reproduzir uma ordem cultural recebida através da livre busca da felicidade, *le'a*, o que equivaleria a dizer (em havaiano) pelas contingências da atração sexual. Do ponto de vista do sujeito libidinoso, o sexo é um interesse consumptivo, não apenas por si mesmo, mas por seus muitos benefícios práticos. No entanto, da perspectiva global da sociedade, esses fins subjetivos tornam-se os meios de constituição de uma ordem política, econômica e espiritual definida. E, embora as escolhas individuais pareçam ser livres, ou pelo menos muito liberais, o resultado não é de modo algum aleatório e expressa de maneira válida as distinções e relações habituais entre homens e mulheres, chefes e povo, deuses e mortais; em suma, o tradicional esquema cósmico das coisas. A estrutura está justamente nessas distinções e relações, que são (relativamente) constantes, e não nos arranjos mutantes formados e reformados a partir delas. O sistema social é desse modo constituído da paixão e a estrutura, constituída do sentimento. (SAHLINS, 1997, p. 48-49)

Isso que Sahlins descreve é o modelo performativo, e esse modelo/sistema é para ele como um milagre já que a capacidade do

modelo performativo em abarcar a diversidade humana significa que “nada que fosse humano era realmente exótico” (SAHLINS, 1997, p. 49), e mostra o quanto a estrutura daquela sociedade era algo particular, *sui generis*. Assim, Sahlins constata a singularidade e a flexibilidade do sistema havaiano: a estrutura se renova e se mantém ou se mantém precisamente porque se renova. É preciso enfatizar que para o cálculo selvagem “nada que fosse humano era realmente exótico” (SAHLINS, 1997, p. 49), e isso basta para entendermos a antropofagia simbólica e a prática dos havaianos.

4. Possibilidades a partir das lições de Sahlins

Vê-se que a contribuição de Sahlins, descrita aqui de forma sucinta, é importante para pensarmos outras formas de enxergarmos a cultura, a História e a Antropologia. A forma como ele analisa a cultura havaiana, nos mostrando uma perspectiva “nativa” dessa cultura, nos lembra da importância que a relativização tem para a prática antropológica. Ele soube relativizar a noção de estrutura para propor uma nova interpretação dela, mas sobretudo, relativizou as fontes históricas a que teve acesso. Eis uma Antropologia da História. Nesse sentido, gostaria de discutir, aqui, o etnocentrismo e o relativismo, baseado naquilo que Sahlins fez, tentando fazer um outro exercício de uma Antropologia da História.

Qualquer interpretação antropológica de determinados fatos se pauta, de forma consciente ou não, no binômio etno-

centrismo/relativismo. A partir das lições antropológicas de Sahlins, lembrei de um documento de um monge capuchino italiano, chamado Giovanni Antonio Cavazzi. Esse monge, que visitou o Congo no séc. XVII, comentou sobre as danças e as músicas de um determinado grupo étnico em um documento datado de 1687. Nesse documento, ele se deleita em descrever a música e a dança no Congo a partir de uma lógica etnocêntrica, nos seguintes termos:

entre as conturbadas formas de seus costumes, podemos facilmente conjecturar o quanto é desconcertada a música e desregada a dança. Não tendo por motivo o virtuoso talento de mostrar a capacidade do corpo e a agilidade dos pés, a dança entre esses bárbaros abriga apenas a viciosa satisfação de um libidinoso apetite. A música se faz sentir, também ela, bem mais conveniente a esse espírito de horrível fereza, que ao harmônico tímpano dos nossos ouvidos. (CAVAZZI, 1991, p. 110)

A escrita de Cavazzi fala por si só, porém comentarei dois aspectos que aparecem em sua escrita. Primeiro: a literatura colonial produzida por religiosos, viajantes, militares, administradores e missionários que aportaram no Havaí está repleta de afirmações etnocêntricas. A boa crítica antropológica, ao modo de Sahlins, põe a nu essas descrições tendenciosas que longe de serem um retrato fiel de dada sociedade colonizada, fala muito mais da mentalidade europeia e como ela distorce os fatos

alheios, afinal, dizem respeito aos outros. Em geral, esse tipo de fontes primárias

são permeadas de estereótipos e conceitos eurocêtricos, designadas a considerar a cultura e a história dos povos africanos – assim como as dos outros povos “sem uma escritura” – como inferiores e, portanto, bisognas de intervenção, quer divina, quer humana: isto é, católica e europeia. (LEVI, 1999, p. 30)

Segundo: a descrição que Cavazzi faz é permeada de comparações com a Europa, seja para indicar semelhanças ou diferenças que ele prima em extrapolar. O fato é que ele também “elogia” e reconhece de alguma forma a complexidade cultural congoleza, que aparece em sua descrição mesmo sob adjetivos extremamente preconceituosos. De toda forma, o monge acaba provando que os congolezes têm uma cultura complexa e uma riqueza musical da mesma medida que a europeia, por mais que ele negue isso. A impressão que temos é que ele, por meio da escrita, falsifica aquilo que vê para não ter que admitir o quanto os congolezes são iguais aos europeus, no quesito humanidade, e que a eles não falta nada; no máximo faltou a fé e a prática cristãs que os tornariam mais palatáveis à moral exigente e pura de Cavazzi.

Nesse sentido, podemos trazer Montero (2010) ao descrever a crítica de Talal Asad à teoria simbólica de religião de Geertz. E nos alerta sobre a

obliteração do modo como a disciplina antropológica em formação herdou historicamente os procedimentos discursivos das práticas missionárias cristãs. No campo da ação evangelizadora cristã, o nativo foi observado e descrito a partir de suas práticas: era preciso decifrar os verdadeiros significados obscurecidos por detrás da aparente absurdez de seus ritos. O rastreamento das religiões nativas constituiu-se, portanto, em uma operação simbólico-discursiva que visava, ao mesmo tempo, atribuir um significado aceitável às práticas e julgar a validade cosmológica de suas proposições quando elas pareciam afirmar algo sobre o mundo. (MONTERO, 2010, p. 261)

Vimos que Cavazzi não fez o esforço de entender os verdadeiros significados das práticas culturais dos congoleses, pois para ele não havia uma aparente absurdez, mas uma absurdez óbvia, e só tentou atribuir um significado aceitável para a sua comunidade etnocêntrica e cristã e julgar a validade daquelas práticas. Porém, o resultado foi que houve apenas a desqualificação cultural. Cavazzi e Sahlins são exemplos de etnógrafos que nos fazem pensar em tipos opostos e radicais de se enxergar a alteridade. Se colocarmos a etnografia como o relato de um encontro entre povos e pessoas de culturas distintas, veremos o quanto a profissionalização dos antropólogos, com a consequente crítica aos etnógrafos amadores, foi importante para que a Antropologia se constituísse como uma ciência das culturas, das alteridades.

A etnografia de Sahlins, por exemplo, vai na contramão da etnografia de Cavazzi, uma vez que a partir de suas fontes ele conseguiu enxergar algo que os homens que entraram em contato com os havaianos não enxergaram, afinal, estavam fazendo história e não interpretando-a. Mesmo tendo “ido a campo” e observado um povo desconhecido, Cavazzi não conseguiu entendê-lo ou descrevê-lo fora de seu etnocentrismo. A relativização e a desconfiância com nossos preconceitos sociais permanecem como atitudes salutares para uma boa etnografia ou observação das alteridades. Assim, é recomendável seguir o exemplo de Sahlins.

5. Conclusão

As descrições de Cavazzi podem ser associadas, facilmente, com as descrições dos viajantes e dos marinheiros que Sahlins comenta e revira, de forma a revelar aquilo que as fontes etnocêntricas esconderam por ignorância e por preconceito. A maneira como ele interpreta os havaianos e os europeus chega a ser cômica e faz parecer que é um exercício simples interpretar culturas tão distintas. Vemos que as lições histórico-antropológicas de Sahlins são fundamentais para o exercício de uma boa etnografia ou de uma Antropologia que preze por ir além do óbvio.

Já sabemos que as trocas entre os havaianos e os ingleses envolveram doenças, para além das trocas comerciais, sexuais e culturais. Essas trocas não estiveram livres de tensões e de estranhamentos. Por sua vez, Sahlins aponta para algo, na nota de número 14, que vai nesse sentido: o encontro afetou

negativamente os havaianos também do ponto de vista daquilo que chamamos, nas Ciências Sociais, de aculturação. A nota é enfática ao demonstrar que os ingleses e os cristãos, que tinham pretensões de dominação daquele território, reprimiram e até criminalizaram, em seu etnocentrismo, várias práticas culturais dos havaianos. Isso ocorreu, sobretudo, no século XIX e especialmente no que dizia respeito à cultura sexual dos nativos – a nota de número 20 também traz detalhes sobre isso. Assim, os primeiros contatos entre esses povos descambaram em um processo lento e gradual de aculturação dos havaianos, além da criminalização de seus costumes sexuais.

Por fim, as notas de rodapé do capítulo 1 de *Ilhas de História* nos mostram

outros detalhes acerca da importância da relativização na análise etnográfica. Quando comenta na nota número 6 que os havaianos pegavam tudo o que estivesse à sua frente, que pertencesse aos ingleses, Sahlins não fala em roubo, por exemplo. Os momentos iniciais desse contato foram repletos de estranhamentos e de expectativas mútuas, afinal, não eram só os ingleses que estranhavam os havaianos, e a recíproca é verdadeira. A partir de relatos etnográficos diversos e de bibliografia específica, Sahlins une aquilo que muitos de nós não ousamos fazer como antropólogos(as): unir História e Antropologia ou fazer uma Antropologia da História de um povo.

Referências

CAVAZZI, Giovanni Antonio. Sobre a música e a dança africanas (1687). Pesquisa, tradução e notas: Paulo Castagna. *Revista Música*, São Paulo, v. 2, n. 2: 107-115, nov. 1991.

HARARI, Yuval Noah. *Homo Deus: uma breve história do amanhã*. Tradução: Paulo Geiger. 1º ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. 14. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

LEIRIS, Michel. Raça e Civilização. In: *Raça e Ciência I* (UNESCO). Coleção Debates. São Paulo: Editora Perspectiva, 1970.

LÉVI-STRAUSS, Claude. História e Etnologia. In: *Antropologia Estrutural I*. Tradução: Chaim Samuel Katz e Eginardo Pires. Biblioteca Tempo Universitário. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1973.

LEVI, Joseph Abraham. Padre Giovanni Antonio Cavazzi, (1621-1678), nos reinos do “Congo, Matamba et Angola” – primeiros contatos europeus com a África. *Est. Port. Afric.*, Campinas, (33/34): 29-47, jan./dez., 1999.

LITTLE, Kenneth L. Raça e Sociedade. In: *Raça e Ciência I* (UNESCO). Coleção Debates. São Paulo: Editora Perspectiva, 1970.

MONTERO, Paula. Talal Asad: para uma crítica da teoria do símbolo na antropologia religiosa de Clifford Geertz. *Cadernos de Campo*, São Paulo, n. 19, p. 259-261, 2010.

SAHLINS, Marshall. *Ilhas de História*. Tradução: Barbara Sette. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Marshall Sahlins ou por uma antropologia estrutural e histórica. *Cadernos de Campo*, n. 9, 2001, p. 125-133.

SILVA, Sidney Antônio da. Festas e tradições bolivianas na metrópole: o caso das devoções marianas. *Londrina*, v. 12, n. 18, p. 67-85, jan-jul/2016.